

Por um conjunto de circunstâncias que eu tenho de atribuir à Providência, cabe-me a mim presidir a uma equipa de trabalho que, nestes próximos três anos, irá liderar o apoio às instituições particulares de Solidariedade Social no distrito de Lisboa. Não é, com certeza a melhor conjuntura para um “novato” iniciar-se nestes processos: O equilíbrio social está ameaçado com o rápido crescimento do desemprego; as desigualdades económicas aumentam de uma forma deveras assustadora; são mais frequentes os sinais da debilidade da consciência cívica, e do desrespeito pelo ambiente. No entanto, e como foi afirmado nas Conclusões da Semana Social, não devem os agentes da acção social abdicar da confiança com que olham a realidade social do país.



É com saudável optimismo que vos dirijo estas palavras de início de mandato e sobre as quais avaliarei o esforço desta equipa, da qual não sou mais que um membro, que tem responsabilidade de ceder a face que visualiza um conjunto de boas vontades comprometidas no seguintes pontos, apresentados no programa eleitoral:

1. Preparar as nossas instituições filiadas para as exigências contemporâneas
2. Defender a Solidariedade e o papel do voluntariado
3. Fomentar a formação e a inovação na gestão e no empreendimento social
4. Promover a confiança nas relações institucionais
5. Contribuir com novas ideias e soluções para novas políticas sociais

Naturalmente que a nova equipa da União distrital de Lisboa sabe e reconhece a ambição destas linhas de acção. Também é suficientemente sensata para perceber que não as esgotará na acção durante estes próximos 3 anos. Mas a urgência de relançar na vida das instituições uma dinâmica que permita, clara e rapidamente, a transformação qualitativa necessária fez com que se abandonasse uma proposta mais segura de ser avaliada com maior proveito eleitoral.

Peço, em nome de toda a equipa perdão pelo talvez excesso de ambição, mas ela não está só! Herdou-se uma cinergia, iniciada e continuada pelas anteriores direcções, que valorizou a experimentação permanente, a busca de síntese entre a investigação e a acção, a criação de redes, de colaborações e parcerias. Não se quer, pois, desperdiçar este património. Mas quer-se re-descobrir a prioridade do princípio da subsidiariedade no diálogo com os vários parceiros, tendo como premissa fundamental o bem comum. Neste aspecto há, de facto muito a dizer e a refazer!

Os sinais que se vão passando são, por vezes, equívocos, minando a confiança que deve co-existir em quem se obriga a trabalhar na acção social. Esta deve ser um património intocável e só questionável em situações graves de desvirtuamento do bem comum. As instituições particulares de Solidariedade Social têm, nos nossos dias, a resposta mais eficaz porque e mais próximas estão do cidadão e das suas necessidades, por isso, e ao contrário do que tendencialmente se vai apresentando, procurará esta equipa valorizar a descentralização dos lugares de decisão e reforçar os laços de confiança com os nosso parceiros, particularmente o estado Português, instrumento de soberania da sociedade civil.

Meus amigos, e perdoai-me a familiaridade, os próximos tempos serão bem musculados, Todos somos chamados a cerrar fileiras na procura das melhores respostas, que permitam o combate à pobreza, mantendo e protegendo a dignidade humana de todos aqueles que procuram as nossas instituições. Neste contexto a prioridade não será a colecta dos recursos, mas a interiorização e o aprofundamento dos valores. Eles serão a nossa bússola pois os tempos de crise são acompanhados pelo desnorte e pela tentação das respostas que visam a mera sobrevivência. Saber o que se quer, como se quer, onde se quer e para que se quer dá-nos uma extraordinária vantagem.

Neste dia em que a Igreja Católica recorda um homem que notabilizou o nome e a cultura portuguesa aquém e além mar, Francisco Xavier, vejo-me na obrigação de honrar a sua memória e procurar nela as motivações que levaram um homem de carne e osso a abandonar uma carreira pessoal e privada marcada pelo sucesso, e a embarcar, por amor ao próximo, numa demanda que nunca chegou a concluir mas que germinou numa noção de humanidade da qual hoje somos devedores.

Espero que o trabalho desta equipa resgate parte desta dívida, servindo os que, todos os dias, evitam que os homens sejam menos homens e os pobres mais pobres.

Um bem aja a todos os presentes, conto com o vosso auxílio e com a vossa confiança.

Pe. José Luís